



FUVEST 2024 - 2ª Fase - 1º dia

Questão 1 - Língua Portuguesa

Considere o anúncio jornalístico e os comentários do X (antigo Twitter) para responder à questão.

Estadão @Estadão

>@mahpaes: Museu da Língua Portuguesa abre café em seu rooftop.

estadao.com.br

estadao.com.br
Museu da Língua Portuguesa abre café em seu rooftop.
O espaço tem vista para o relógio da Estação da Luz, do Parque da Luz e da estação Júlio Prestes.

21 de jun

Pode traduzir pra Língua Portuguesa, por favor?

2 113 2.069

Mostrar respostas

21 de jun

Sabe que estamos no Brasil e a língua portuguesa é a oficial, né?

2 3 382 16,5 mil

Mostrar respostas

21 de jun

Pode ser TERRAÇO, "LAJE", COBERTURA? Meu, tão falando com anglicismo do MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA.

25

a) O anúncio da abertura de um café no Museu da Língua Portuguesa causou muita agitação nas redes sociais. Considerando os comentários retirados do antigo Twitter, como se caracteriza a postura dos usuários em relação à reportagem e ao próprio idioma?

b) Os comentários apresentados revelam o registro informal da língua. Identifique dois exemplos de registros informais e explique de que maneira colaboram para a construção de sentido do texto.

Resolução:

a) A reação dos usuários diante da reportagem pode ser interpretada como uma postura crítica, que demonstra insatisfação. Seus comentários posicionam-se contrariamente à adoção, no texto da manchete, de um termo em inglês ("rooftop"), o que seria incoerente com a proposta de um museu que trabalha em nome da difusão da língua portuguesa. Nesse sentido, os usuários indicam uma postura de valorização e defesa da língua portuguesa e, simultaneamente, certo traço de purismo ou de rigidez na conservação do idioma.

b) Os termos "pra", "né", "meu" e "tão" podem ser tomados como exemplos de registros informais da língua. A ocorrência desses termos reforça o sentido crítico dos comentários, por inserirem, nos textos, marcas de coloquialidade que os aproximam da realidade linguística dos falantes do Brasil. Assim formulados, os comentários acentuam a diferença em relação ao anglicismo que criticam.

Questão 2 - Língua Portuguesa

Leia o texto para responder à questão.

“Tudo que nos acontece, especialmente nesta era da (Des)Informação, pode ser sintetizado pelas imagens que passam, céleres, pela internet, com destaque para as que estão nas redes sociais. Os textos vão ficando cada vez mais curtos, os vídeos, minúsculos, porém, mais numerosos e cheios de efeitos. As fotos, cada vez mais sofisticadas, mais ‘nítidas’ ou elaboradas com técnicas de inteligência artificial, fazem com que duvidemos do que vemos, o que nos torna cada vez mais incrédulos e inseguros daquilo que nos acontece. Quem não se chocou com as imagens de destruição dos prédios dos Três Poderes brasileiros por conta do ataque de vândalos no dia 8 de janeiro? E o que dizer das fotos e vídeos dos Yanomami, exibindo o descaso, o descuido, a crueldade, o genocídio em curso, como já afirmam as diversas instituições responsáveis pelos direitos humanos no Brasil e no mundo? Muitos de nós realmente ficamos sem palavras, e não porque ‘uma imagem vale mais do que mil palavras’, mas sobretudo porque ainda há quem questione se estamos vendo o que estamos vendo e, o que é mais preocupante, saindo em defesa ou contrapondo essas imagens com outras, ‘fakes’ e eivadas de teorias conspiratórias. Olhar, no mundo em que vivemos, mais do que nunca é buscar e ‘fabricar uma significação’. Nesses tempos em que reinam a desinformação e as teorias conspiratórias, ter ‘olhos de ver’ é mais um dos desafios que temos de enfrentar no nosso cotidiano, especialmente se estamos nas mídias sociais. Está cada dia mais complicado pensar sobre o que vemos.”

Januária Cristina Alves. Uma imagem é sempre muito mais do que uma imagem. 02/02/2023. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/>.

Adaptado.

- a) Qual o significado no texto da expressão “olhos de ver”? Relacione o seu sentido com a sua importância em tempos de “(Des)Informação”.
- b) Mantendo o sentido do texto, escreva três palavras que podem substituir, respectivamente, “céleres”, “incrédulos” e “eivadas”.

Resolução:

- a) Ter “olhos de ver”, em um contexto marcado pela desinformação, significa ser capaz de discernir as informações verdadeiras e elaborar um sentido a partir delas, “fabricar uma significação”, como afirma a autora do texto.
- b) A palavra “célere” pode ser substituída por “rápida, ligeira, veloz”; “incrédulos” pode ser substituído por “céticos, descrentes, desconfiados”, e o vocábulo “eivadas” pode ser trocado por “contaminadas, infectadas, maculadas”.

Questão 3 - Língua Portuguesa

Leia o texto para responder à questão.

“Quando falo de humanidade não estou falando só do Homo sapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameoba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho. E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade — alguns de nós fazemos parte dela.

É incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’. Isso denuncia o artifício do tipo de vida que nós criamos, porque chega uma hora que você precisa de uma máscara, de um aparelho para respirar, mas, em algum lugar, o aparelho precisa de uma usina hidrelétrica, nuclear ou de um gerador de energia qualquer.

E o gerador também pode apagar, independentemente do nosso decreto, da nossa disposição. Estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre. Não é preciso nenhum sistema bélico complexo para apagar essa tal de humanidade: se extingue com a mesma facilidade que os mosquitos de uma sala depois de aplicado um aerossol. Nós não estamos com nada: essa é a declaração da Terra.”

Ailton Krenak. A vida não é útil. 2020.

- Identifique o processo de formação das palavras “humanidade” e “sub-humanidade”, bem como o seu sentido no texto.
- Mantendo a correlação verbal, reescreva, na folha de respostas, o trecho a seguir iniciando por “Estávamos”.

Estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre.

Resolução:

- A palavra “humanidade” é formada por derivação sufixal, a partir da base “humano”. Já a palavra “sub-humanidade” é formada por derivação prefixal, a partir de “humanidade”.

Na primeira ocorrência da palavra “humanidade”, o autor alarga o seu sentido, incluindo nela animais que são mortos pelos seres humanos (são citados a baleia, o tubarão e o leão). Com isso, ele procura dar a esses animais um valor e direitos que normalmente lhes são negados, contrapondo-se assim à visão de que eles existem apenas para atender às demandas humanas.

Nas demais ocorrências, o termo é empregado no sentido denotativo, mas com uma visão negativa sobre a ação dos seres humanos: “foram devastando tudo ao seu redor”.

A *sub-humanidade* constitui não apenas o grupo de minorias (caiçaras, quilombolas e povos indígenas), mas também os demais seres vivos desprezados (“largamos à beira do caminho”) em nome de um pretenso progresso.

- Estávamos sendo lembrados de que éramos tão vulneráveis que, se cortassem nosso ar por alguns minutos, a gente morreria.

Questão 4 - Língua Portuguesa

Considere os dois verbetes a seguir para responder à questão.

travesti

s.m. + s. f.

1 Pessoa que se veste com roupas do sexo oposto, geralmente, em espetáculos teatrais ou para ter satisfação psicológica.

2 *p. ext.* Homossexual que se veste de mulher; traveca, traveção, traveco.

Dicionário Michaelis, online.

Travesti

É uma identidade de gênero tipicamente latinoamericana que possui história e características sociopolíticas próprias.

“Travesti” não é um termo pejorativo, é uma identidade que a comunidade ostenta com orgulho. O termo “Traveco”, por sua vez, é ofensivo e não deve ser utilizado. A travestilidade não se restringe ao binarismo de gênero, mas as travestis apresentam expressão de gênero feminina e devem ser tratadas com pronomes femininos, bem como devem ter seus nomes sociais respeitados. Portanto, não existe “o” travesti, e sim “a” travesti.

Glossário Antidiscriminatório.

Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2022. *online*.

a) Qual o tratamento dado ao termo “traveco”, na segunda acepção do Dicionário Michaelis, e no Glossário Antidiscriminatório? De que modo os sentidos desse termo, no Dicionário e no Glossário, se aproximam ou se afastam?

b) Redija uma atualização do verbete “travesti” para o Dicionário Michaelis, incluindo sua classe e gênero gramaticais.

Resolução:

a) O tratamento dado ao termo “traveco” no Dicionário Michaelis é o de termo equivalente, por extensão de sentido, a “travesti”. O dicionário não aponta, portanto, qualquer diferença de conotação entre os dois termos e sequer sugere que um seria mais pejorativo que outro. Já o Glossário Antidiscriminatório se afasta do Dicionário, pois trabalha com essa diferença de conotação: a definição trata os vocábulos “traveco” e “travesti” em oposição, indicando que este é associado a orgulho, enquanto aquele é discriminatório, ofensivo e deve ser, portanto, evitado.

b) travesti (substantivo feminino)

Pessoa transgênero que, independente de orientação sexual, apresenta expressão de gênero feminina, se veste e se identifica socialmente como mulher.

Questão 5 - Língua Portuguesa

Leia o texto para responder à questão.

“A Dinamarca vai devolver ao Brasil um manto tupinambá que está em Copenhague desde pelo menos 1699. A peça, considerada extremamente rara, será doada para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pelo Museu Nacional da Dinamarca. O manto é feito de penas vermelhas de guará. Artista, Glicéria Tupinambá está completando sua formação em antropologia no Museu Nacional e vem realizando um trabalho de encontro e pesquisa dos mantos e outros artefatos de seus ancestrais junto às instituições europeias. Em 2006, Glicéria estava trabalhando na composição de um novo manto tupinambá como forma de agradecimento a entidades sagradas, os Encantados, pelo processo de retomada do território indígena. Por meio de fotos, ela vinha tentando entender a técnica para fazer a trama dos mantos da mesma forma que era feita por seus antepassados. ‘Eu fui entendendo a questão do ponto, que é o ponto do jereré, que as mulheres tupinambá utilizam para fazer instrumentos de pesca. Só duas mulheres sabiam fazer esse ponto na aldeia, minha madrinha de 97 anos e minha prima de 78 anos. Mulheres detentoras de um saber que está quase extinto’, conta ela. O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está — ainda — na França. ‘Eu quero ver o avesso’, disse ela à equipe do museu parisiense, em 2018. ‘O pessoal fica muito ligado na cor da pena, mas eu queria entender a malha, a técnica, ver o avesso’. Mas não só isso. Glicéria também queria escutar o manto. ‘O manto fala comigo. A gente tem uma relação ancestral’, explica ela. ‘Sei que para quem passou a vida inteira ouvindo que objetos não falam, eu pareço uma pessoa louca. Mas eu venho de um contexto de aldeia, e a gente entende que os objetos não são simplesmente objetos, ainda mais quando se tratam de vestimentas usadas no ambiente religioso’. Glicéria conta que, na ocasião, o manto mostrou a ela três imagens: ‘Uma quando ele estava dentro do território, eu via mulheres, crianças, as penas, a feitura. Outra imagem que ele me apresenta era ele dentro de uma embarcação, as pessoas na margem. Eu podia sentir a areia nos meus pés e ver a embarcação sumindo no fio do horizonte. E, depois, eu vejo esse manto saindo da embarcação e desaparecendo por uma viela escura’.”

Isabel Seta. Raríssimo manto tupinambá que está na Dinamarca será devolvido ao Brasil; peça vai ficar no Museu Nacional. 28/06/2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/>.

- a) Justifique o uso de "ainda" no trecho "O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está — ainda — na França.". Reescreva a frase, substituindo apenas a palavra "ainda", sem prejuízo do sentido.
- b) Explique o sentido do trecho "os objetos não são simplesmente objetos" no texto.

Resolução:

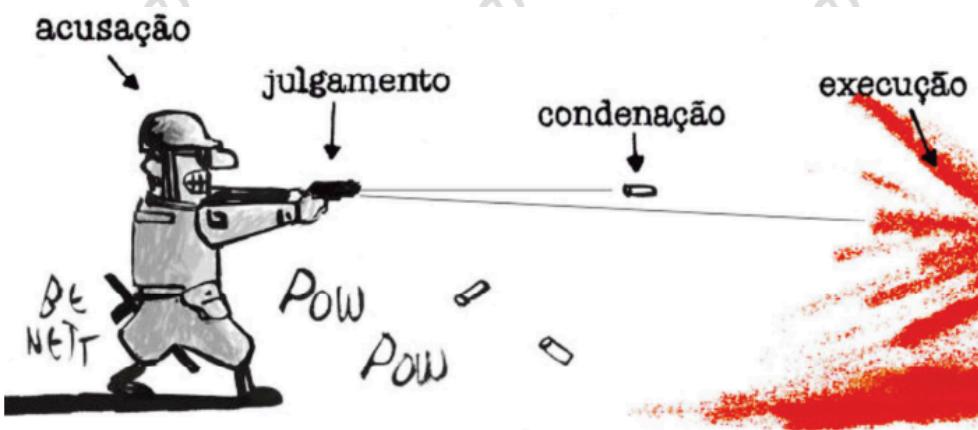
a) O emprego do “ainda” sugere no trecho que o manto deixará de estar na França em algum momento, para retornar ao Brasil. Trata-se de uma palavra que alimenta uma expectativa em relação ao futuro. Uma possibilidade de reescritura, sem prejuízo do sentido, seria: *O primeiro manto que Glicéria teve oportunidade de conhecer pessoalmente está — até agora — na França.*

Obs.: outras expressões poderiam substituir o advérbio “ainda”, sem prejuízo de sentido, tais como “por enquanto”, “até o momento”, ou “por ora”.

b) Para os tupinambás, o manto tem um significado que vai além do valor etnográfico. Não se trata de um mero objeto para ser exposto num museu, mas num artefato que dialoga com uma cultura ancestral e tem importante significado religioso. Assim, quando Glicéria Tupinambá afirma que “queria escutar o manto”, ela queria compreender os valores, as tradições, os significados, as imagens que o manto suscitava para ela, dentro do contexto da cultura tupinambá.

Questão 6 - Língua Portuguesa

Examine a charge para responder à questão.



Alberto Benett. Folha de S. Paulo. 01/08/2023.

- Qual a crítica social explorada pela charge?
- Explique a polissemia expressa pela última palavra da gradação contida na charge.

Resolução:

- A charge condena a violência policial, sugerindo que o devido processo legal (representado no texto pela sequência “acusação”, “julgamento”, “condenação” e “execução”) tem sido substituído por execuções sumárias, por assassinatos cometidos pela polícia.
- Considerando a gradação – na qual cada vocábulo expressa, em ordem cronológica, uma etapa do processo jurídico –, pode-se compreender o termo “execução” como sinônimo de “cumprimento da pena”, etapa posterior à “condenação”. Além desse sentido, a imagem permite atribuir outro significado ao termo: associado a uma grande macha vermelha, que remete a sangue, o mesmo vocábulo passa a ser sinônimo também de “assassinato”. Desse modo, a charge explora a polissemia da palavra “execução”.

Questão 7 - Língua Portuguesa

Leia os textos para responder à questão.

I.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*.

Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram: Vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo ritmo
E mais, e mais, e mais, e mais

Caetano Veloso. *Meu Coco*, 2021.

a) No trecho da canção, Caetano Veloso recria o célebre verso de Drummond, atualizando o seu sentido em tempos de domínio tecnológico. Comente as diferenças de significado que podem sugerir em paralelo “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida” e “Vai ser virtuoso no vício”.

b) A cor azul aparece referida nas duas composições. Analise o efeito simbólico que o *azul* adquire em cada uma delas.

Resolução:

a) A designação de “*gauche*” é atribuída ao eu lírico por “...um anjo torto / desses que vivem na sombra”, no “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade, e explicita um sentimento de inadequação do sujeito frente ao universo em que vive, que pode ser compreendido como uma maldição ou como uma bênção, dependendo do ponto de vista. O eu percebe-se deslocado em relação ao espaço que ocupa e à visão de mundo que pratica. É “*gauche*” em um mundo desenhado em linhas retas. É a partir dessa posição marcada por ambiguidade que são desenvolvidos os conflitos e angústias contidos na busca por uma integração impossível e que se configuram como a essência da poesia drummondiana em sua produção inicial.

Na canção de Caetano Veloso, a ideia do deslocamento do sujeito também está presente. O eu foi designado por “anjos tronchos” a “ser virtuoso no vício”. Compreende-se, então, que o estado de inadequação e deslocamento do mundo concreto em função da tecnologia, por mais viciosa que esta seja, pode, no processo específico do sujeito lírico, ser resignificado como virtude.

b) Nos versos “a tarde talvez fosse azul / não houvesse tantos desejos”, de Drummond, há uma oposição entre “azul” e “desejos”, o que indica que a tarde poderia ser marcada por paz e tranquilidade, não fossem os desejos que acometem o eu poético, afastando-o desse estado. O efeito simbólico adquirido pelo azul sugere imensidão e pureza, uma vez que o uso do termo se refere à cor do céu. Na letra de Caetano Veloso, o azul é uma menção às luzes emitidas por telas de dispositivos digitais, como computadores e *smartphones*. Dessa maneira, o efeito simbólico do emprego da cor azul é

oposto. Não se trata de algo natural como o céu, mas sim criado artificialmente pelo homem, em referência ao incessante desenvolvimento tecnológico, compreendido pelo autor como nocivo.



Questão 8 - Língua Portuguesa

Leia os excertos para responder à questão.

I.

Quincas Borba

Os personagens de Machado de Assis eram tão medíocres que, enquanto outros loucos do mundo bancavam Napoleão o Grande, o de Machado de Assis contentava-se em ser Napoleão III.

Mario Quintana. *Caderno H*.

II.

Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. (...) Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Karl Marx. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*.

- a) A mediocridade caracteriza, em geral, o sujeito médio, incapaz de se sobrepor às circunstâncias com que se defronta diretamente. Nesse sentido, Rubião é uma personagem medíocre. Comente.
- b) Ao comparar os impérios de tio e sobrinho – Napoleão I e Napoleão III –, na França, Marx considera que os dois golpes representaram, respectivamente, uma tragédia e uma farsa. Por que se pode dizer que a loucura do vencido Rubião, vivida na história brasileira, possui aspectos sérios e risíveis? Justifique.

Resolução:

a) A caracterização de Rubião, em *Quincas Borba*, encontra pontos de coincidência com a definição de mediocridade apresentada no enunciado. No capítulo L do romance, o Palha afirma que Rubião é um “simplório”, isto é, um homem tolo, de cuja credulidade se aproveitam interesseiros como o casal Cristiano e Sofia. De fato, o protagonista se comporta como alguém “incapaz de se sobrepor às circunstâncias com que se defronta diretamente”, na medida em que não percebe as armadilhas das quais é vítima e tampouco as intenções de muitos dos que se aproximam dele. Para o leitor, o comportamento de Rubião é visto com certa dose de surpresa pela facilidade com que ele se deixa levar por indivíduos cujo péssimo caráter se mostra de maneira bastante evidente na narrativa. Pode-se acrescentar, como elementos que confirmam essa mediocridade: a passividade de Rubião diante de seu destino de herdeiro inesperado; sua dificuldade em compreender os princípios básicos da filosofia de seu amigo Quincas Borba; e, por fim, sua obsessão pela figura de Napoleão III, que, em comparação com o tio, Napoleão I, faz igualmente figura medíocre.

b) A loucura de Rubião tem muito de risível. Em um estágio mais avançado dela, ele será, inclusive, alvo de brincadeiras e chacotas, corroboradas pelo Palha, que rirá de suas manifestações. No desenvolvimento da doença, ao encarnar a figura de Napoleão III, Rubião dá ordens a um exército que só ele enxerga, e declara-se à Sofia, tomando-a por amante de Luís, o prenome do imperador francês. No encerramento da trama, Rubião cinge sobre si uma coroa inexistente, mostrando-se digno de piedade e de mofa até o fim. Nessa mesma cena final, nota-se a presença da ferina ironia de Machado de Assis: Rubião, vencido, desprovido daquilo que, até então, fazia dele um vencedor, isto é, a posse das batatas, dos bens materiais que lhe haviam sido subtraídos, não tem tempo sequer de pronunciar a palavra “batatas”, morrendo antes de concluir a máxima central do Humanitismo: “Ao vencedor...”. Sequer a palavra restou de todas as batatas que lhe foram roubadas.

Por outro lado, a loucura de Rubião deve ser vista como manifestação séria de certa visão da sociedade brasileira. Naquele final de século XIX, o país passava por um processo de modernização. Na trama, esse processo é representado pelos instrumentos encontrados por Cristiano Palha para se apropriar da fortuna do suposto amigo, como a constituição de uma empresa cujo capital era controlado por ambos. No entanto, a empresa é apenas fachada para uma exploração desenfreada e para o roubo mais explícito, cujas evidências escapam às práticas mais sutis presentes naquela modernização, aproximando-se da barbárie do assalto à mão armada. Dessa forma, o livro aponta para os riscos da

almejada transformação do Rio de Janeiro em uma Paris dos trópicos: sob esse suposto avanço, escondia-se o fato de que a modernização beneficiava alguns e reduzia outros à condição de objetos a serem explorados.

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Questão 9 - Língua Portuguesa

Ao tratar do drama da personagem de Tomás Antonio Gonzaga, o narrador de *O romanceiro da Inconfidência* descreve-o do seguinte modo:

“Tanto impou de namorado!

E agora, quando se mira
vê-se um mísero coitado...

(como lá diz numa lira...)

- Se nas águas se mirasse,
veria ralo o cabelo

- Um par de esporas, somente.

E murcha e pálida, a face.

- Falta-lhe aquele desvelo

da sua pastora terna...

- Deveria socorrê-lo..

-... a quem dará glória eterna!... -

Ai, que ricos libertinos!

Tudo era Inglaterra e França,

e, em redor, versos latinos...

- lá se lhes foi a esperança!

- Mas segue com seus embargos.

(Quem porfia, sempre alcança...)

- Os argumentos são largos.

- Que tem luzes, ninguém nega,

- Mas são coisas da Fortuna,

que bem se sabe ser cega...

- Não lhe sendo a hora oportuna,

perder-se-á tudo que alega”.

a) Quais aspectos do Arcadismo aparecem nessa caracterização?

b) Em que medida o poema de Cecília Meireles contradiz esses aspectos?

Resolução:

a) Como é frequente em textos árcades, o ambiente apresentado no poema faz referência a um espaço natural bucólico:

“- Se nas águas se mirasse”. O texto de Cecília Meireles também pode ser relacionado à convenção pastoril do movimento setecentista: “- Falta-lhe aquele desvelo / da sua pastora terna...” Por fim, há a presença de referências à mitologia greco-latina, por meio da menção à “Fortuna”, deusa que dirigia o acaso nas trajetórias humanas.

b) O poema de Cecília Meireles contradiz os típicos aspectos do Arcadismo porque não se vale da idealização de um *locus amoenus* (lugar aprazível, ameno), onde o pastor vivencia ternos jogos amorosos com a sua musa. Aqui, Gonzaga não é o pastor apaixonado, caracterizado de forma positiva e otimista. Está decadente, tem cabelo ralo e uma face “murcha e pálida”, exatamente por ter sido afastado de sua musa inspiradora. Segundo o poema de Cecília, os ideais iluministas não foram suficientes para a resolução do conflito, uma vez que a “Fortuna” é cega. Dessa forma, o texto não endossa a postura racional que predomina na poesia árcade.

Questão 10 - Língua Portuguesa

Na sua análise de *O embarque para a ilha de Citera* (cerca de 1712), de Antoine Watteau, Norbert Elias afirma que “em contraste com o jogo de luz e sombra claro-escuro enevoadado que domina todo o quadro, está a luminosidade do sol poente, a radiante claridade à direita, no fundo. Isso confere um caráter de inquietude à composição. E, em contraste com a tranquilidade do antigo jardim com as copas verde-escuras das árvores e sua doce serenidade, a surda movimentação do cortejo dos amantes torna-se ainda mais intensa à medida que aqui, nessa claridade, os contornos de algo desconhecido, que não se deixa conhecer, perfis de construções que, precisamente por reluzirem como sombras através da névoa clara e radiosa, provocam um ligeiro arrepio, como sinal de perigo”.



Lira X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chama ativa,
Que acende Amor,
Ah! Não habite
Neste montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o ímpio
Aqui se esconde,
Não sei aonde,
Mas sei que o vi.
Traz novas setas,
Arco robusto;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortais,
Quantos sinais
O ímpio tem.
Oh! Como é justo
Que todo o humano
Um tal tirano
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe,
Mas quem resiste
Ao braço seu?
Ao negro inferno
Levou a guerra,
Venceu a terra,
Venceu o céu.

Jamais se cobrem
Seus membros belos,
E os seus cabelos
Que lindos são!

Vendados olhos,
Que tudo alcançam,
E jamais lançam
A seta em vão.

As suas faces
São cor da neve,
E a boca breve
Só risos tem.
Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos veem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a seta falta,
Tem outra pronta,
Que a dura ponta
Jamais torceu.
Ninguém resiste
Aos golpes dela:
Marília bela
Foi quem lha deu.

Ah! Não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor.
Fuja e não olhe,
Que só fugindo
De um rosto lindo
Se vence Amor.

a) Quais são as semelhanças entre a tela de Watteau e a Lira X de Tomás Antonio Gonzaga?

b) De que forma é descrito o “personagem” do poema?

Resolução:

a) Tanto a tela de Antoine Watteau quanto a Lira de Tomás Antônio Gonzaga exploram um contraste que aponta para uma inquietude. Na tela, segundo o crítico Norbert Elias, a diferença entre o bosque sombreado, marcado pela serenidade, e o espaço luminoso, onde se dá a movimentação dos personagens em meio a formas indistintas, aponta para um sinal de perigo. Por sua vez, na Lira, o enunciador alerta seus interlocutores a respeito do perigo que se esconde atrás de um “rosto lindo”, pois o Amor se vale justamente da Beleza para subjugar suas vítimas. Assim, há um contraste entre a sedução de se contemplar um rosto belo e os perigos de se apaixonar, tornando-se alvo do caráter impiedoso do Amor. O personagem do poema, assim como a tela, tem lado “luminoso”, relacionado a suas faces “cor da neve”, e o aspecto sombrio de uma personalidade tirânica. Outra semelhança que pode ser apontada entre a obra de Watteau e o poema de Gonzaga é o fato de ambos se ambientarem em espaços bucólicos, visto que a tela mostra um “antigo jardim” e o poema se apresenta em um “montado”, ou seja, um terreno utilizado para pastagem.

b) O personagem descrito no poema é o Amor. Ele se apresenta como um menino de “membros belos”, cabelos “lindos”, faces “cor da neve”, “vendados olhos” e uma boca sempre sorrindo. O menino carrega uma “aljava grande/dependurada”, repleta de flechas e arpões. No plano moral, o Amor é descrito como “ímpio”, “traidor” e “tirânico”.

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Anglo Resolve

Texto 1

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem.

Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*. Adaptado.

Texto 2

Educar para o ócio significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro, um livro. Ensinar como pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa também se habituar às atividades domésticas e à produção autônoma de muitas coisas que até o momento comprávamos prontas. Ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. Inculcar a alegria. A pedagogia do ócio também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. Portanto, é preciso ensinar aos jovens não só como se virar nos meandros do trabalho, mas também pelos meandros dos vários possíveis lazeres. Significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e o voluntariado. Significa ensinar como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto a alienação derivada do trabalho. Há muito o que ensinar!

Domenico de Masi. *O ócio criativo*.

Texto 3

Analisar as diferenças entre a educação escolar indígena e a educação escolar convencional no Brasil foi o ponto de partida do trabalho feito pelos pesquisadores Aline Abbonizio, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e Elie Ghanem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). “Dois fatos me impressionaram especialmente na comunidade em que pesquisei, além do grande valor atribuído à escola como fator de fortalecimento da língua e da cultura daquele povo, a acentuada integração entre as atividades escolares e as práticas comunitárias. Não há tempos rígidos, não há horários fixos nem se seguem disciplinas escolares. As atividades da escola obedecem a um ritmo sereno e envolvem tarefas de manutenção dos costumes, incluem tanto a roça quanto o artesanato ou a coleta de produtos da mata”, relata Ghanem.

<https://www4.fe.usp.br/pesquisa-da-feusp-analisa-diferencas-entre-educacao-indigena-e-convencional>.

Adaptado.

Texto 4



Momentos de ócio, 1901. Irving Ramsey Wiles.

Texto 5



Ciranda II, 2018. Ivan Cruz.

Texto 6



The Banjo Lesson, 1893. Henry Ossawa Tanner.

Texto 7



Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão.**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível, e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação.

Resolução:

A proposta de redação da Fuvest 2024 requisitou a elaboração de uma dissertação sobre o tema “Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão”. No que tange ao assunto proposto, a banca seguiu a tradição de abordar uma questão relevante para a compreensão de certas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo, e o recorte temático, assim como na edição anterior – Fuvest 2023 –, teve um caráter mais social e concreto.

Para a elaboração da redação, era necessário se apropriar das reflexões trazidas pela coletânea, a qual foi composta por textos de diferentes tipos: imagens que reproduziam obras de arte, postagem de redes sociais, além de excertos que tratavam o tema a partir de abordagens filosóficas, sociais e pedagógicas. Dessa forma, o candidato deveria, com base na leitura e análise dos textos motivadores, refletir a respeito de sua própria condição de estudante e futuro profissional.

A proposta contava com sete textos de apoio. O primeiro, de Byung-Chul Han, destaca que a capacidade de realizar multitarefas – técnica de atenção essencial para a sobrevivência de animais na natureza, que precisam realizar diversas atividades simultaneamente para garantir sua segurança e a de sua prole – não é exclusiva da sociedade humana pós-

moderna, sendo, na verdade uma habilidade observada amplamente na vida selvagem. A comparação é feita entre a multitarefa humana, especialmente relacionada a atividades como jogos de computador, e a atenção ampla, mas superficial, observada em animais selvagens. Já o segundo texto, de Domenico de Masi, diz que educar para o ócio envolve ensinar a escolher entre atividades culturais, domésticas e autônomas. Além disso, abrange promover o prazer do convívio, introspecção, jogo e beleza, inculcando alegria. Segundo o autor, a pedagogia do ócio possui ética, estética, dinâmica e técnicas próprias, exigindo o ensino atento de como aproveitar o tempo livre de forma significativa, evitando a alienação. No terceiro excerto, é apresentada uma análise dos pesquisadores Aline Abbonizio, da UFRRJ, e Elie Ghanem, da USP, sobre as diferenças entre a educação escolar indígena e a convencional no Brasil; eles destacaram a valorização da escola como fortalecedora da língua e cultura indígenas, além da integração fluida entre atividades escolares e práticas comunitárias, caracterizadas por ritmo sereno e variedade de tarefas. O texto 4, que exhibe uma mulher em um de seus momentos de ócio, corrobora e reforça a ideia trazida no texto 2 sobre a importância de se garantir momentos de ociosidade para além dos estudos formais. O texto 5 – uma obra de arte de Ivan Cruz que retrata uma brincadeira de ciranda realizada entre crianças – provavelmente tem como propósito fazer o candidato refletir sobre a importância de se valorizar as brincadeiras na infância, já que é uma das atividades essenciais para o desenvolvimento adequado da criança. O texto 6, *The Banjo Lesson*, de Henry Ossawa Tanner, retrata como a arte e a cultura podem expandir o universo da criança. Apenas para citar exemplos, a música tem um caráter interdisciplinar, uma vez que trabalha com subjetividades, linguagens, coordenação motora e conceitos matemáticos, por exemplo. Por fim, o texto 7, uma postagem de rede social da página *humana_r_se*, expõe um infográfico que contrapõe dois tipos de análises sobre o que seria ter sucesso na vida: a primeira concepção se baseia em uma visão mais conservadora e associa o sucesso apenas ao salário e ao cargo que um sujeito ocupa - ou seja, quanto mais alto o valor e mais prestígio houver na profissão exercida, mais sucesso se obtém -; já a segunda análise, mais contemporânea, deixa clara a visão de que ter sucesso é sinônimo, na verdade, de uma vida mais equilibrada - e que, portanto, concilia questões como saúde mental e física, tempo ocioso, salário, satisfação com o emprego etc.

Diante de todo esse conteúdo, fica claro que o tema e os textos de apoio devem ser tomados como pontos de partida para a mobilização de um repertório cultural relacionado ao tema e que contribua para a construção de uma visão crítica a respeito dele. Nesse sentido, entre outros, poderiam ser desenvolvidos os seguintes encaminhamentos:

- Tratar da concepção de educação crítica e emancipatória para discutir a importância da reflexão na educação; essa abordagem se contrapõe a uma educação “bancária”, que trata apenas da transmissão de informações a serem memorizadas. Aqui, poderia ser citado como referência o educador brasileiro Paulo Freire e sua obra "Pedagogia do Oprimido";
- Abordar a concepção de Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro, de que “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um programa” também contribui com o debate proposto. Isso porque, para o autor, a educação precária no país (sem preocupações ligadas à reflexão) serve à intenção de formar uma massa de mão-de-obra barata, o que impede mudanças sociais;
- As noções de razão crítica e razão instrumental - conceito cunhado por Adorno e Horkheimer - poderiam ser mobilizados na discussão, associados, respectivamente, à reflexão e à multitarefa. De acordo com os autores, a segunda trata apenas do cálculo de meios e visa à dominação da natureza e de seres humanos, enquanto a primeira abrange reflexões sobre os fins, tendo em vista a emancipação humana;
- Abordar o conceito de poder disciplinar, de Michel Foucault, trata, de certa forma, de uma educação mais voltada à preparação para um mercado “multitarefa” do que à reflexão. De acordo com o autor, na escola ocorre uma distribuição de poderes que redundam na formação de “corpos dóceis”, preparados a desempenhar tarefas designadas por outros de forma disciplinada;
- O conceito de “uberização do trabalho” também traria contribuições ao desenvolvimento do tema. Normalmente, essa nomenclatura se refere a recentes modalidades de trabalho ligadas a novas tecnologias, marcadas pela sobrecarga de tarefas e pela precarização de direitos;
- Também seria possível abordar a Reforma do Ensino Médio, visto que as recentes mudanças no ensino médio no Brasil foram, desde sua proposição, alvo de críticas que podem ser associadas ao tema em debate. Entre os problemas, estaria a falta de reflexividade na proposição de temas de cursos para os itinerários e a mudança quanto ao status das disciplinas de sociologia e filosofia, que passaram a ser apenas conteúdos obrigatórios – o que poderia comprometer o estímulo à reflexão na formação escolar dos jovens.
- No livro "Futuro Ancestral" (2023), Ailton Krenak mostra como problemas relacionados ao colapso do mundo neoliberal são frutos de uma civilização, sobretudo, que não tem imaginação. Nesse sentido, a educação indígena rompe a hierarquia de dominação das escolas tradicionais dos brancos, já que os povos tradicionais partem de uma investigação coletiva das necessidades da aldeia, e os conteúdos ensinados às crianças são transmitidos a partir da responsabilidade com o outro. Segundo o autor, "Nós que persistimos em uma experiência coletiva, não educamos crianças para que elas sejam campeãs em alguma coisa, mas para serem companheiras uma das outras" (p.115). Isso ilustra como as comunidades tradicionais se opõem aos princípios neoliberais de exploração, competição e lucro.

